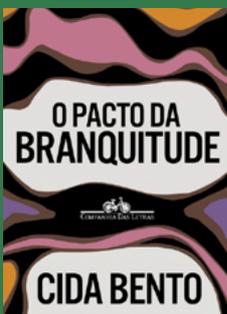


NOVEMBRO NEGRO

A edição de novembro do Boletim Diversidade em Pauta celebra o **Novembro Negro**, um mês de profundo significado na luta pela valorização da cultura afro-brasileira e pelo enfrentamento ao racismo. A Lei nº 14.759/2023, aprovada pela Câmara dos Deputados e sancionada pelo presidente Lula, reconhece o **Dia da Consciência Negra como feriado nacional**, marcando uma conquista histórica para o movimento negro e para a sociedade brasileira. Esta data, **celebrada em 20 de novembro em memória de Dandara e de Zumbi dos Palmares**, simboliza resistência, ancestralidade e o reconhecimento das contribuições da população negra ao longo de nossa história. O Novembro Negro nos convida a refletir e agir contra as desigualdades raciais ainda presentes em diversos espaços, incluindo o ambiente de trabalho.

Com o intuito de promover o letramento racial e fortalecer a luta contra a discriminação no Ministério da Cultura, o boletim deste mês traz uma curadoria de livros, filmes, podcasts, cursos e publicações que abordam temas relacionados ao racismo estrutural, à inclusão e à valorização da diversidade no ambiente institucional. **Ao trazer essas indicações, buscamos fortalecer o compromisso com a construção de um ambiente mais justo, inclusivo e acolhedor para todas as pessoas.**

LIVROS



PÁG. 2

FILMES



PÁG. 6

▶ **PODCASTS** PÁG. 9

▶ **CURSOS** PÁG. 11

- ▶ Praticando o letramento racial no serviço público
- ▶ Fortalecendo Lideranças Negras no Serviço Público

▶ **PUBLICAÇÕES** PÁG. 12

▶ **ACONTECE POR AÍ** PÁG. 13

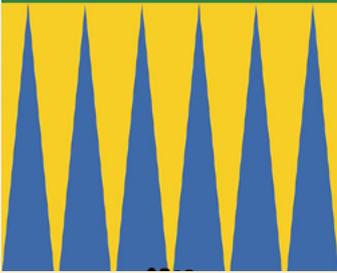
▶ **ACONTECE NO MINC** PÁG. 14

▶ **ENTREVISTA** PÁG. 15

LIVROS

RACISMO BRASILEIRO

UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO PAÍS
YNAÊ LOPES DOS SANTOS



Racismo brasileiro: uma história da formação do país

Ynaê Lopes dos Santos
Brasil, 2022 (336 páginas)
Editora Todavia

Uma jornada pela história do Brasil através do traço definidor da nossa sociedade ao longo dos séculos (do período colonial aos nossos dias): o racismo. Tendo como alguns de seus personagens figuras como Luiz Gama, Monteiro Lobato, Getúlio Vargas e Marielle Franco, este é um livro fundamental para uma compreensão mais profunda da nossa formação. Como resume a autora: "a história do racismo no país é a própria história do Brasil"

O pacto da branquitude

Cida Bento
Brasil, 2022 (152 páginas)
Editora Companhia das Letras

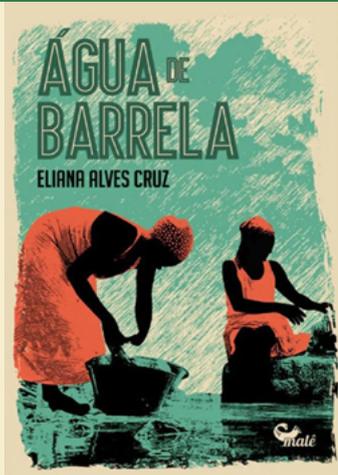
Diante de dezenas de recusas em processos seletivos, Cida Bento identificou um padrão: por mais qualificada que fosse, ela nunca era a escolhida para as vagas. O mesmo ocorria com seus irmãos, que, como ela, também tinham ensino superior completo. Por outro lado, pessoas brancas com currículos equivalentes — quando não, inferiores — eram contratadas.

Em suas pesquisas de mestrado e doutorado, a autora se dedicou a investigar esse modelo, que se repetia nas mais diversas esferas corporativas, e a desmistificar a falácia do discurso meritocrático. O que encontrou foi um acordo não verbalizado de autopreservação, que atende a interesses de determinados grupos e perpetua o poder de pessoas brancas. A esse fenômeno, Cida Bento deu o nome de "pacto narcísico da branquitude".

Neste livro, a cofundadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) reúne sua experiência para apresentar evidências desse acordo tácito e nos convida a deslocar nosso olhar para aqueles que, a fim de se manter no centro, impelem todos os outros à margem.



LIVROS

**Água de Barrela**

Eliana Alves Cruz

Brasil, 2018 (322 páginas)

Editora Malê

As muitas mulheres negras presentes no romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, encontram no lavar, passar, enxaguar e quorar das roupas das patroas e sinhás brancas um modo de sobrevivência em quase trezentos anos de história, desde o Brasil na época da colônia até o início do século XX. O título do romance remete a esse procedimento utilizado por essas mulheres negras de diferentes gerações, e que garantiu o sustento e a existência de seus filhos e netos em situações de exploração, miséria e escravidão. A narrativa inicia-se com a comemoração do aniversário de umas das personagens após viver um século de muitas lutas, perdas, alegrias, tristezas e, principalmente, resiliência. Damiana, personagem central da narrativa, cansada das batalhas constantes e

ininterruptamente travadas pela liberdade, se vê rodeada por sua família e se recorda dos tempos de lavadeira.

Arruda e Guiné: resistência negra no Brasil contemporâneo

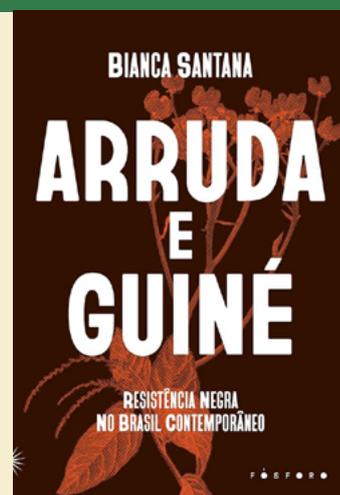
Bianca Santana

Brasil, 2022 (200 páginas)

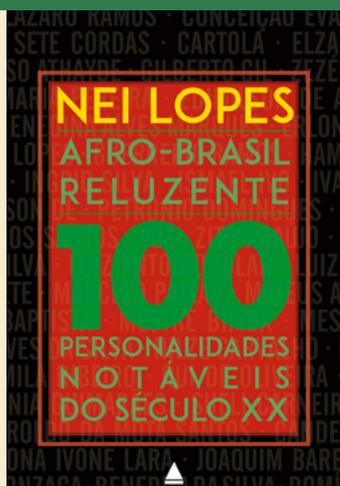
Editora Fósforo

Arruda e guiné são plantas com frequência associadas ao continente africano em decorrência de seus usos litúrgicos nas religiões afro-brasileiras, muito embora não sejam nativas da África. Do mesmo modo, os saberes implicados no uso medicinal e mágico-religioso delas não foram transplantados para cá, mas se construíram nas trocas entre *ngangas* — feiticeiros — negros e pajés, no Brasil. Por isso, os itinerários etnobotânicos dessas plantas nos falam da atualização de um projeto de resistência negra. Se no contexto em que era constitucional dividir pessoas entre senhores e mercadorias, a arruda curou escravizados e a guiné “amansou” senhores, dando contornos de guerra ao massacre em curso; hoje, essas plantas atualizam o significado dos saberes tradicionais como ponto de partida do exercício de reinterpretar e imaginar a democracia.

Os textos de Bianca Santana reunidos nesta coletânea — apresentada pelo professor Edson Lopes Cardoso — foram escritos no calor dos acontecimentos e informam a respeito de diversos temas que figuraram nos noticiários brasileiros do período entre 2017 e 2022. Entre os assuntos urgentes, a crise sanitária e a gestão da pandemia de Covid-19 são tópicos que se inserem em um projeto político comprometido com a desestabilização dos valores republicanos. Já os enfrentamentos de povos tradicionais às constantes ameaças às suas terras retomam os conflitos da questão agrária e das relações raciais no Brasil. Ainda, a disputa em torno da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das Domésticas lança luz sobre a falta de letramento político e racial da nossa classe média. Vistos em conjunto, os textos extrapolam o caráter inicial de registro dos acontecimentos e desempenham um papel formativo, refinando as percepções das dinâmicas entre presente e passado, à medida que criam nexos entre notícia e processos históricos, sociais e políticos. E é a partir desse modo de comunicar, pensar e formar que Santana reitera os sentidos éticos e políticos evocados primordialmente pela arruda e guiné.



LIVROS



Afro-Brasil Reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX

Nei Lopes

Brasil, 2019 (456 páginas)

Editora Nova Fronteira

Neste livro, o autor lança luz sobre indivíduos que, apesar das adversidades, emergem como verdadeiros faróis de esperança, iluminando a trajetória de uma comunidade muitas vezes invisível.

Da luta contra a invisibilidade à conquista de espaços de notoriedade, estas histórias são um testemunho de resiliência, talento e determinação.

Afro-Brasil Reluzente não é apenas um livro, mas um convite para enxergar e celebrar o brilho indomável daqueles que, com coragem, moldam o presente e inspiram um futuro mais inclusivo e igualitário.

Na minha pele

Lázaro Ramos

Brasil, 2017 (152 páginas)

Editora Objetiva

Movido pelo desejo de viver num mundo em que a pluralidade cultural, racial, étnica e social seja vista como um valor positivo, e não uma ameaça, Lázaro Ramos divide com o leitor suas reflexões sobre temas como ações afirmativas, gênero, família, empoderamento, afetividade e discriminação. Ainda que não seja uma biografia, em *Na minha pele* Lázaro compartilha episódios íntimos de sua vida e suas dúvidas, descobertas e conquistas. Ao rejeitar qualquer tipo de segregação ou radicalismos, Lázaro nos fala da importância do diálogo. Não se pode abraçar a diferença pela diferença, mas lutar pela sua aceitação num mundo ainda tão cheio de preconceitos. Um livro sincero e revelador, que propõe uma mudança de conduta e nos convoca a ser mais vigilantes e atentos ao outro.



LIVROS



De onde eles vêm

Jeferson Tenório
Brasil, 2024 (208 páginas)
Editora Companhia das Letras

De onde eles vêm tem como pano de fundo o ingresso dos primeiros cotistas na universidade brasileira. Na história, que se passa em Porto Alegre, por volta dos anos 2000, acompanhamos o despertar racial do narrador, Joaquim, em meio a um ambiente hostil. Órfão, tendo que cuidar da avó doente, desempregado e sem dinheiro, Joaquim busca a todo custo manter seu amor pelos livros e pela literatura. Romance de formação de um leitor, este é o retrato de uma jornada feita de obstáculos num momento em que políticas para amenizar desigualdades eram vistas como problema, não como possibilidade de solução.

"Uma obra fundamental para entender o Brasil contemporâneo e, principalmente, para a compreensão do que é ser negro neste desenho de país em que as questões étnico-raciais eclodem como marcadores nas relações interpessoais e com o Estado. A Lei de Cotas, tão atacada por um debate público por vezes raso e permeado por todos os ranços de uma nação fundada em bases excludentes, ganha corpo e rosto na trama. Quem sabe a ficção, mais uma vez, venha em socorro do exercício de empatia tão difícil entre nós." — Eliana Alves Cruz

FILMES

1798 - Revolta dos Búzios

Brasil, 2024

Documentário | 73 minutos

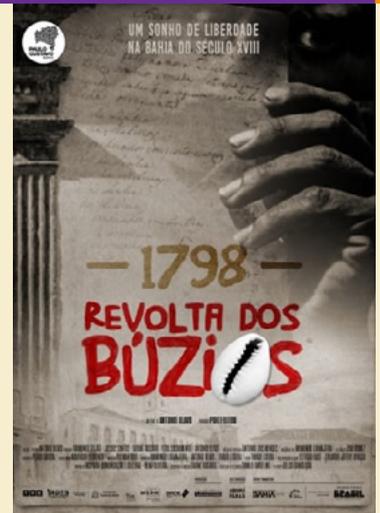
Direção: Antônio Olavo

Abará Filmes

Classificação indicativa: 12 anos

A Revolta dos Búzios, um dos marcos cruciais da história brasileira, desenrolou-se na Bahia em 1798, deixando um legado duradouro de resistência e luta por liberdade. Inspirados pelos ideais iluministas da Revolução Francesa, centenas de homens negros se uniram em um movimento audacioso para derrubar o governo colonial, proclamar a independência e estabelecer uma república democrática, livre da opressão e da escravidão. No entanto, antes que o levante pudesse ser efetivado, foi denunciado e seguido por uma Devassa implacável que convulsionou a cena política por 15 meses. Os conspiradores enfrentaram prisões, degredos perpétuos, açoites públicos e até mesmo a pena de morte. Quatro homens negros – Luiz Gonzaga, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino – foram enforcados e esquartejados na Praça da Piedade, em Salvador, em 8 de novembro de 1799.

O documentário, dirigido pelo cineasta baiano Antônio Olavo, traz à luz esse episódio frequentemente esquecido da história do Brasil, baseando-se nos detalhados Autos da Devassa, um testemunho vívido dos acontecimentos tumultuosos da época.



O Fio da Memória

Brasil, 1991

Documentário | 80 minutos

Direção: Eduardo Coutinho

Prefeitura Rio Filme

O Fio da Memória foi realizado, sob encomenda, por ocasião do centenário da abolição da escravidão no Brasil, completado em 1988. O filme procura condensar, em personagens e situações do presente, a experiência negra no Brasil a partir de dois eixos – as criações do imaginário, sobretudo na religião e na música, e a realidade do racismo, responsável pela perda de identidade étnica e pela marginalização de boa parte dos milhões de brasileiros de origem africana.

FILMES

Cabeça de Nêgo

Brasil, 2021

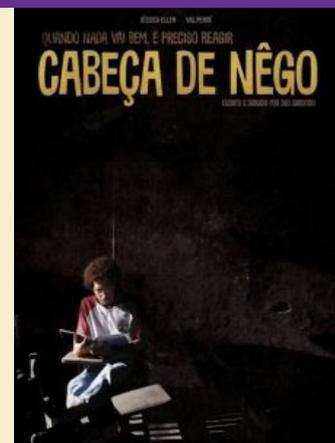
Drama | 85 minutos

Direção: Déo Cardoso

A corte Seco Filmes

Classificação indicativa: 14 anos

Em *Cabeça de Nêgo*, após reagir a um insulto em sala de aula, Saulo (Lucas Limeira) é expulso da escola, recusando-se a sair das dependências da instituição. Em sua ocupação, ele usa as redes sociais para expressar todo o seu descontentamento com a direção da escola, expondo o abandono e a solidão sofridos por ele e outros estudantes, iniciando um verdadeiro movimento estudantil.



M8 - Quando a Morte Socorre a Vida

Brasil, 2020

Drama | Suspense | 74 minutos

Direção: Jeferson De

Paris Filmes

Em *M8 - Quando a Morte Socorre a Vida*, Maurício (Juan Paiva) acabou de ingressar na renomada Universidade Federal de Medicina. Na sua primeira aula de anatomia ele conhece M8, o cadáver que servirá de estudo para ele e os amigos. Durante o semestre, o mistério da identidade do corpo só poderá ser solucionado depois que ele enfrentar suas próprias angústias.

AmarElo

Brasil, 2022

Documentário | 89 minutos

Direção: Fred Ouro Preto

Netflix

O documentário *AmarElo - É Tudo Pra Ontem* explora todo o processo de criação do projeto AmarElo, do músico e militante negro, Emicida. Criado em estúdio, AmarElo foi apresentado no Theatro Municipal, em São Paulo, 2019, em um show que abordou a história da cultura negra no Brasil.



▶▶▶ FILMES

Sankofa : A África que te habita

Brasil, 2020

Série Documental (10 episódios)

Direção: Rozane Braga e Adriana Miranda

Netflix

Um fotógrafo afrodescendente e um historiador de origem europeia percorrem nove países da África moderna para conhecer os locais de memória da escravidão por onde passaram mais de 12 milhões de pessoas escravizadas que atravessaram o Oceano Atlântico para movimentar a economia do Ocidente por mais de 300 anos.

O acervo fotográfico dessa expedição que encantou e transformou seus protagonistas é o eixo condutor de uma jornada pela história e cultura de povos africanos que se misturaram trazendo sua ancestralidade para enriquecer a formação da identidade cultural brasileira.

A animação de antigos contos africanos, narrados pela atriz Zezé Motta, ajuda a construir esse riquíssimo imaginário.

"Volte e pegue" é o significado da palavra "sankofa" em algumas culturas africanas. Também simbolizada graficamente por um pássaro com a cabeça voltada para trás, representa o retorno ao passado, que significa o presente para, então, construir o futuro.

**Vidas Quilombolas – Orgulho, história e cultura**

Brasil, 2018

Documentário | 30 minutos

TV Irapá | Youtube

"Eu tenho o maior orgulho. Quando as pessoas me perguntam de onde eu sou, digo eu sou da comunidade remanescente de quilombo chamado Lage dos Negros", exalta a jovem Anabel Santos neste documentário que relata a construção da identidade cultural, religiosa e econômica do Território Quilombola de Lage dos Negros, a partir de memórias valiosas, contadas pela população local. *Vidas Quilombolas* foi produzido coletivamente, por 50 jovens durante as oficinas de comunicação popular do Projeto Juventude Quilombola e Memória Coletiva. O projeto foi executado pela Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos

Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares – Cactus, com parceria do Governo do Estado da Bahia, através do edital Década Estadual Afrodescendente, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), e contou com assessoria do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA).

PODCASTS



Vidas Negras

Thiago Rogero e Rádio Novelo

O podcast *Vidas Negras* apresenta a história de personalidades negras brasileiras, tanto do passado quanto da atualidade. O jornalista Thiago Rogero é o responsável pela condução do podcast, que conta com a produção da Rádio Novelo.

O objetivo do podcast é registrar a existência e a biografia de pessoas negras, as mais afetadas pelo apagamento de suas origens e histórias. O podcast aborda diversos temas, como cultura, ciência, religião e educação, e conta com a participação de pessoas diferentes em cada episódio.

Projeto Querino

Thiago Rogero e Rádio Novelo

O podcast *Projeto Querino* analisa a história do Brasil a partir da Independência, com um olhar afrocentrado. O projeto visa mostrar como a história explica o Brasil de hoje, destacando a contribuição negra para a formação do país.

O podcast aborda temas como a rotina de trabalho dos escravizados, a ganância dos escravizadores e a relação entre o Brasil do presente e do passado. O projeto também busca apontar responsabilidades e não ter medo de tocar em feridas das elites.

O nome do projeto é uma homenagem a Manuel Raimundo Querino, um intelectual negro que publicou a obra *O colono preto como fator da civilização brasileira*, em 1918.



▶▶▶ PODCASTS

**Angu de grilo**

Flávia Oliveira e Isabela Reis

Angu de Grilo é o podcast de Flávia Oliveira (@flaviaol) e Isabela Reis (@belareis). Duas mulheres, duas gerações, duas cariocas, duas jornalistas. A leveza, o bom humor, a informalidade, a intimidade dão o tom dessa conversa entre mãe e filha que comentam as notícias mais quentes da semana.

Calunguinha

Lucas Moura e Stela Nesrine

Calunguinha, o cantador de histórias é um podcast ficcional feito pra crianças de todas as idades e, principalmente, para gente pretinha como a gente. Calunguinha é um menino pretinho (como sua mãe), crespinho (como seu avô) que adora histórias, mas não qualquer história. Toda noite, antes de deitar-se, a mamãe prepara um chá e conta para ele a história de uma pessoa negra importante que já viveu. Quando a mamãe sopra o chá para esfriar, Calunguinha sai voando com a fumaça pelos ares, navega pelos mares, passa por Congo, Pernambuco, Bahia, Palmares, encontra essas pessoas incríveis por lá, aprende com elas e volta para cantar para sua mãe tudo que ele aprendeu.



Trilha de aprendizagem: Fortalecendo Lideranças Negras no Serviço PúblicoEnap | 176 h | remoto [Acesse aqui](#)

A Trilha *Fortalecendo Lideranças Negras no Serviço Público* visa abordar, de maneira plural, diferentes temáticas e perspectivas que fornecem o suporte teórico-prático necessário para o desenvolvimento profissional direcionado ao fortalecimento das lideranças negras no setor público, bem como na ampliação de suas competências para exercer a liderança inclusiva.

Nos três trilhos que constituem a trilha é possível reconhecer detalhes da construção do racismo no Brasil, identificar as competências necessárias para o desenvolvimento de uma liderança inclusiva e, finalmente, compreender as políticas e práticas para a efetiva criação de uma gestão humanizada, diversa e inclusiva.

**Praticando o letramento racial no serviço público**ENAP | 20h | remoto [Acesse aqui](#)

O curso aborda temas fundamentais para a compreensão das dinâmicas raciais e sociais do Brasil, partindo de uma análise histórica e crítica sobre a trajetória do colonialismo e seus impactos até os dias atuais. Entre os principais tópicos, está a história do colonialismo no Brasil, que explora as raízes das desigualdades estruturais. O processo abolicionista é estudado para entender o contexto e as consequências da abolição da escravidão. Em seguida, o curso trata da política de branqueamento e sua influência na formação da identidade brasileira, refletindo sobre as tentativas de homogeneização cultural. A luta dos movimentos negros por políticas de reparação, como as ações afirmativas são discutidas, destacando o papel dessas iniciativas na busca por justiça social. Por fim, o curso aborda o racismo consciente e inconsciente, proporcionando uma reflexão sobre como o preconceito pode se manifestar, tanto de forma explícita quanto sutil, e as maneiras de combatê-lo.

Equidade racial: desafios do Brasil contemporâneoInstituto Ibirapitanga, 2018 [Acesse aqui](#)

O documento apresenta uma síntese do encontro *Equidade racial: desafios no Brasil contemporâneo*, que reuniu pessoas com experiências, trajetórias, projetos e interesses diversos, construindo um painel instigante e atual dos desafios, necessidades e oportunidades de avanço nesse campo.

**O perfil racial nos quadros da administração pública no Brasil: um primeiro balanço dos efeitos da reserva de vagas para negros em uma organização de segurança pública**Enap, 2018 [Acesse aqui](#)

Andersson Pereira dos Santos e Gilson Matilde Diana

O artigo analisa o perfil dos candidatos aprovados em concursos públicos promovidos pela polícia federal, fazendo um balanço inicial, para verificar os efeitos dessa ação afirmativa na composição racial dos servidores que ingressaram no órgão por meio do primeiro concurso realizado após a edição da Lei Federal nº 12.990/2014, bem como o levantamento de dados socioeconômicos desses novos servidores.

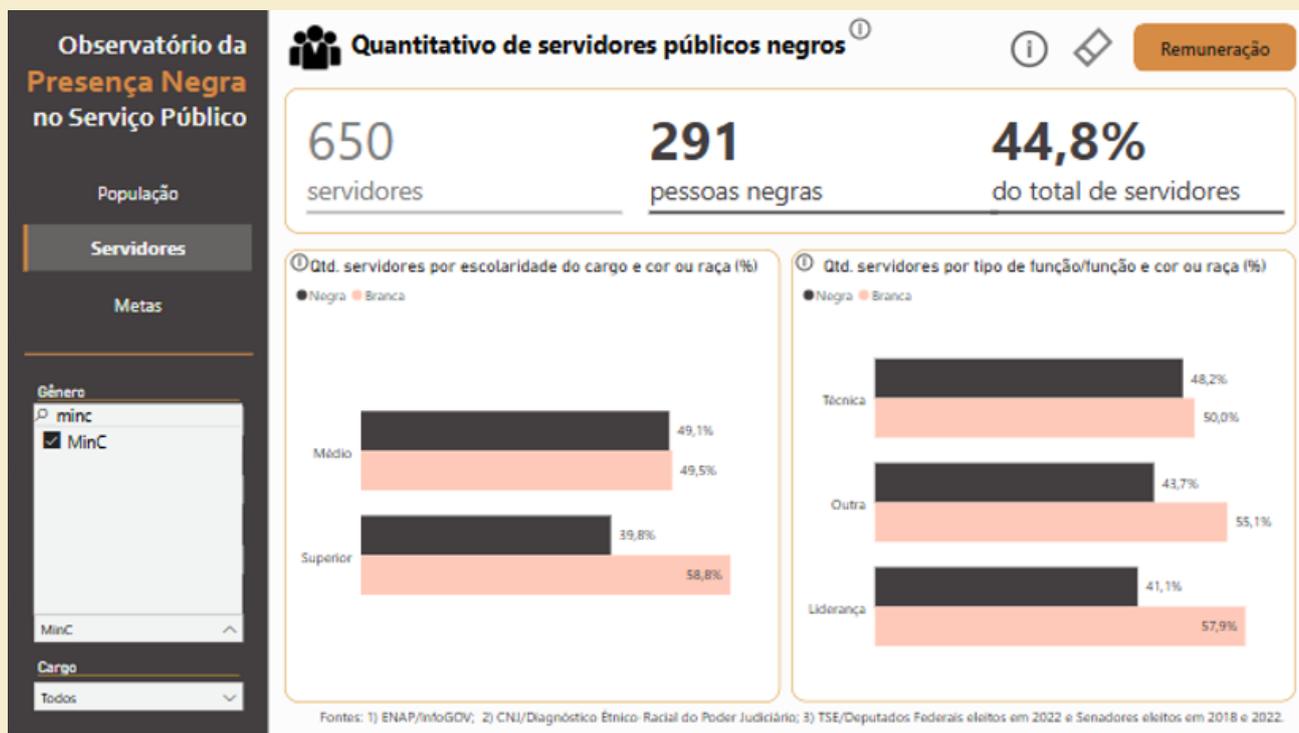
▶▶▶ ACONTECE POR AÍ

Observatório da presença negra no serviço público [Acesse aqui](#)

O *Observatório da Presença Negra no Serviço Público* foi criado para monitorar a representatividade da população negra na administração pública, identificando as desigualdades existentes. Trata-se de uma ferramenta capaz de detectar assimetrias existentes na ocupação de cargos, funções e remunerações, contribuindo para a efetividade da igualdade de oportunidades para as pessoas negras.

O Observatório é o projeto vencedor do [Datathon: Desigualdades Raciais no Serviço Público](#), realizado pela Escola Nacional de Administração Pública - ENAP, em parceria com o Ministério da Igualdade Racial.

Os dados, que refletem a situação nos órgãos em setembro de 2023, mostra que o Ministério da Cultura possui 41,1% dos cargos de liderança ocupados por pessoas negras, enquanto na administração pública, em geral, este percentual é de 30,7%.



ACONTECE NO MINC

Cultura Negra Vive

Neste mês de novembro, o Ministério da Cultura lançou a campanha *Cultura Negra Vive*, uma ação que integra a campanha do governo federal, 'Brasil pela Igualdade Racial' — iniciativa abrangente que conta com a participação do Ministério da Igualdade Racial, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, da Fundação Cultural Palmares e de outras pastas. Esta ação continua celebra e destaca a importância da cultura negra no Brasil, promovendo a conexão simbólica entre o Dia Nacional da Cultura, celebrado em 5 de novembro, e o Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, que, pela primeira vez, ganha a condição de feriado oficial no país.

A campanha busca não só celebrar, mas também fortalecer o papel da população negra na construção da identidade cultural brasileira. Esse marco histórico é uma homenagem a Zumbi, Dandara e outras figuras heroicas, como Aquatune e Acotirene, que simbolizam a luta por liberdade e igualdade.

No link bit.ly/culturanegravive, instituições e sociedade civil podem cadastrar eventos e ações que conectem a cultura negra e a igualdade racial, que serão incorporados ao Mapa da Cultura Negra no Mês da Consciência Negra, permitindo a visibilidade das celebrações em todo o país.



▶▶▶ ENTREVISTA



Flávia Costa é Diretora do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro da Fundação Cultural Palmares

Poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória profissional e como sua experiência a levou a trabalhar na Fundação Cultural Palmares?

Meu nome é Flávia Costa, sou mulher, negra, feminista, nascida em São Paulo e moradora de Guarulhos, mãe do Gabriel, pedagoga de formação. Desde jovem, participei do movimento estudantil e sou ativista, passando pela UJS (União da Juventude Socialista), Unegro (União de Negras e Negros pela Igualdade), UBM (União Brasileira de Mulheres) e FNA

(Frente Nacional Antirracista). Trabalhei por 18 anos na administração pública, fortalecendo mulheres em comunidades periféricas com políticas de combate à violação de direitos. Em São Paulo, atuei com políticas esportivas, destacando a importância das mulheres no esporte. No Governo do Estado, fui secretária-executiva do pacto de enfrentamento à violência contra a mulher. Em Santo André, implementei programas de qualificação para mulheres vítimas de violência.

Em Guarulhos, trabalhei na coordenadoria da mulher e igualdade racial, implementando ações afirmativas, de valorização da cultura negra e defendendo pautas como cotas no serviço público, ajudando a criar conselhos e centros de enfrentamento ao racismo. Também participei da criação da marcha da consciência negra de Guarulhos e fui responsável, durante anos, pela Semana da Mulher Negra nessa cidade.

Como ativista do movimento social defendi pautas em meu território, como a criação da Lei do Estatuto da Igualdade Racial e participei ativamente de diversas conferências e relatorias sobre questões de gênero e raça. A construção das políticas públicas de enfrentamento ao racismo sempre foi um desafio na vida e no trabalho. Trabalhei juntamente com

▶▶▶ **ENTREVISTA**

Edna Roland, nossa relatora do Programa de Ação da Conferência de Durban (3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), na cidade de Durban, na África do Sul). Ainda em Guarulhos, a partir desta experiência, consolidamos políticas que tiveram grande impacto no avanço das ações afirmativas, sempre juntas batalhamos na cidade pela criação do centro de referência no combate ao racismo, o Serviço SOS Racismo, iniciativa inovadora, pois qualificava discriminação linguística e de origem. Fomos pioneiras na cidade na implementação do Programa, à época, menina dos olhos que levou a cidade à premiação com o Selo Pro equidade de Gênero, onde as organizações participantes do Programa, ao longo das suas edições, demonstravam que é possível a construção de novas relações trabalhistas, sem discriminação de gênero e raça, e que essas transformações tinham e têm repercussão positiva para o mundo do trabalho.

Durante o período árduo do lockdown, fui desafiada a elaborar um relatório sobre o impacto da pandemia da Covid-19 na vida das mulheres e, ao mesmo tempo, entender e defender ações que tratassem algo pulsante no momento

da atenção à saúde, as condições de acesso à água, a insegurança alimentar para mulheres, mulheres ribeirinhas e de comunidades tradicionais.

Na transição para o terceiro mandato do presidente Lula, fui convidada para compor a equipe da Fundação Cultural Palmares, sob a gestão do presidente João Jorge Rodrigues. Comecei à frente do Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-brasileira, e posteriormente assumi o Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro.

Admito que aprendo todos os dias os saberes e práticas das comunidades tradicionais quilombolas. Sem dúvida, a comunidade quilombola traz consigo desafios que estão interligados a uma compreensão do mundo baseada no respeito à cultura, aos saberes e às práticas ancestrais. Refere-se à proteção e preservação, mas ensina que é através da coletividade e do respeito que avançamos como sociedade. Não se trata de não desenvolver, pelo contrário, mas de entender a cadeia produtiva e a lógica impressa da sua cultura organizacional e do seu saber cultural.

Qual o papel do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro,

▶▶▶ ENTREVISTA

e como ele contribui para o fortalecimento da consciência negra no país?

O DPA (Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro) tem sido um espaço enorme de aprendizado. Temos a missão de planejar, coordenar e articular ações de proteção para as comunidades quilombolas. O reconhecimento das comunidades tradicionais como patrimônio cultural, que começa na emissão de certidões a partir da autodefinição das comunidades, é a porta de entrada para os demais acessos até a titulação. A Fundação Palmares, nos seus 36 anos de existência, já emitiu 3.123 certidões, beneficiando 3.874 comunidades.

Os desafios são muitos: o primeiro censo quilombola realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) registrou a existência de 1.327.802 quilombolas no país, distribuídos em 1.696 municípios. Temos uma equipe bastante reduzida, que é responsável pelo atendimento de 90% das demandas da Fundação Palmares. Assumimos a gestão com o desafio de zerar o passivo de análise dos processos de certificação. Concluímos todas as análises que estavam pendentes e possuíam toda a documentação. Agora, estamos concentrando esforços para identificar e sanar todas as pendências

de documentação nos demais processos, para que possamos avançar ainda mais nestes números.

Temos buscado orientar os esforços no Departamento por uma visão sistêmica, pensar em coisas que fiquem como desafios para governos futuros. Nossa atuação vai além da emissão das certidões. Pres-tamos atendimento judicial, atuamos na defesa do protagonismo das comunidades quilombolas, proteção e preservação do conhecimento.

O presidente Lula nos deu a missão de protagonizar os quilombolas do país, e é nisso que temos trabalhado. Temos estabelecido mesas de negociação, e conseguimos avançar em 21 titulações em Alcântara. Estamos trabalhando com uma proposta de negociação em Mariana... Fizemos recentemente o seminário Conexão quilombola – quilombo reconhece quilombo, para debater as expectativas deles em relação ao governo.

Acreditamos na valorização da cultura afrobrasileira como instrumento de combate ao racismo. Lançamos, recentemente, a partir de uma provocação de Mãe Bernadete, o primeiro edital de sabores e saberes da gastronomia quilombolas, que tinha previsão de 50 premiações e foi ampliado para premiar 62 iniciativas.

▶▶▶ ENTREVISTA

Temos conseguido parcerias importantes no Ministério da Cultura, com a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural e com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Recentemente, em parceria com a Secretaria de Direitos Autorais e Intelectuais, conseguimos avançar no reconhecimento da propriedade intelectual para mulheres quilombolas. Fizemos um seminário internacional conjunto, para proteger a memória e os produtos que falam de uma cadeia produtiva que é inovação, economia criativa e desenvolvimento econômico.

Em articulação com o Ministério da Igualdade Racial, conseguimos viabilizar R\$ 2 milhões para premiar iniciativas que gerem renda para povos e comunidades de matriz africana e de terreiro, o que é muito importante para quebrar tabus decorrentes da intolerância religiosa.

Por fim, temos buscado também construir parcerias com universidades para apoiar a sociedade civil em ações territoriais, a exemplo do projeto jovem quilombola inovador, do rotas negras, e do diagnóstico da mancha vermelha de emergência climática no Rio Grande do Sul.

Em 2024, o Brasil terá, pela primeira vez, o dia 20 de novembro como feriado nacional da consciência negra. Como você avalia o impacto desta conquista?

O reconhecimento do Dia da Consciência Negra como feriado nacional em 2024 é uma conquista histórica e simbólica para a população negra no Brasil, resultado de décadas de luta e resistência organizada. Essa vitória é um marco que coroa a trajetória de muitos movimentos negros, aos quais minha própria jornada pessoal está profundamente conectada.

O feriado nacional reflete o compromisso com pautas que vêm sendo defendidas desde líderes como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, até grandes lideranças contemporâneas como Matilde Ribeiro, Edson Santos, Flávio Jorge, Luzia Bairros, João Jorge. São essas vozes, junto de figuras emblemáticas como Zumbi e Dandara, que pavimentaram o caminho da mobilização e avanço dos direitos da população negra no Brasil.

Esse reconhecimento é também um passo no enfrentamento contra o racismo estrutural, desafiando preconceitos e rompendo paradigmas de discriminação que ainda marcam a sociedade brasileira. As ações afirmativas, como as políticas de cotas, fazem parte desse processo

▶▶▶ **ENTREVISTA**

transformador e, embora sonhe com um futuro em que as cotas possam não ser mais necessárias, entendo que, enquanto houver desigualdades, essas ações são fundamentais.

O Dia da Consciência Negra simboliza muito mais do que uma data comemorativa; ele traz à tona a força de uma luta por equidade que sempre existiu, mas que hoje ganha visibilidade nacional. Estar na gestão do presidente Lula permite que avancemos ainda mais nessas pautas, levando à prática os desafios que tantos líderes antes de nós idealizaram. Que o combate ao racismo continue sendo um compromisso inegociável e um pilar da nossa sociedade.

Qual a proporção de pessoas negras na Palmares? Como você avalia que esta configuração racial influencia o ambiente de trabalho?

Nos últimos anos, a Fundação Cultural Palmares sofreu uma significativa redução no seu quadro de servidores efetivos. A Palmares conta com um quadro de servidores muito engajado e participativo, mas composto em sua quase totalidade por pessoas não negras, inclusive porque os processos de seleção historicamente

não previram cotas raciais. Isso reflete a realidade de muitos órgãos públicos e ressalta os desafios que ainda enfrentamos no combate ao racismo estrutural e na promoção da diversidade racial por meio de políticas afirmativas e de inclusão.

A liderança majoritariamente negra na gestão da Fundação — com a presidência e as duas diretorias chefiadas por pessoas negras — por outro lado, permite que as decisões e diretrizes da instituição sejam pautadas por uma vivência direta e comprometida com as pautas e a identidade negra.

Cabe destacar, porém, que mais de 70% dos colaboradores terceirizados se declaram negros. Essa configuração ressalta a importância de ações afirmativas para garantir uma presença negra em todas as instâncias de um órgão como a Palmares, a fim de que o ambiente de trabalho realmente reflita a diversidade da sociedade brasileira e promova um espaço onde o combate ao racismo seja uma prática diária e inegociável.

Que medidas ou iniciativas têm sido implementadas pela Palmares para garantir um ambiente de trabalho respeitoso

▶▶▶ ENTREVISTA

e inclusivo para as pessoas que trabalham na Fundação?

Desde o ano passado, a Fundação Palmares tem implementado uma série de iniciativas para promover um ambiente de trabalho mais respeitoso e inclusivo, com atenção especial às questões de raça e gênero. Realizamos algumas imersões que abordam a importância do respeito, inclusão e enfrentamento ao racismo; além de uma análise contínua do clima organizacional, buscando identificar áreas que ainda carecem de melhorias. Neste sentido, temos buscado agir em articulação com o Ministério da Cultura, disseminando na Fundação as iniciativas de integridade conduzidas pelo MinC.

Uma das ações importantes foi a mudança do espaço físico da Fundação para um local mais digno, em resposta às condições precárias anteriores, simbolicamente comparadas ao "sótão dos navios negreiros". Ainda que haja muito a avançar, esse novo ambiente representa um passo na valorização dos trabalhadores e na promoção de melhores condições para todos.

Outro destaque é o trabalho realizado pela ministra da Cultura, Margareth Menezes, uma voz fundamental no combate ao racismo estrutural na indústria cultural

e no incentivo à valorização da potência das mulheres negras em espaços de poder. Os exemplos de Leci Brandão no parlamento e da ministra Margareth Menezes no executivo são inspiradores para tantas outras mulheres. A presença de Margareth no Ministério da Cultura é, além de uma alegria, um símbolo do avanço da luta pela equidade e pela visibilidade das mulheres negras.

A Fundação Palmares também tem se mobilizado contra o assédio e a intolerância religiosa, promovendo discussões e ações para criar um ambiente de respeito e acolhimento para todas as religiões e orientações culturais. Em eventos como a feira de hip-hop e na valorização do funk, as iniciativas são voltadas para incluir e valorizar a cultura periférica e ampliar o espaço para as vozes negras na cultura popular.



A exposição *Negras Memórias do Design Brasileiro*, realizada pela PretADG (@adgbrasil), tem o propósito de enaltecer grandes profissionais negros do setor criativo que contribuíram na construção da história do design nacional.

FICHA TÉCNICA

Ministra de Estado da Cultura
Margareth Menezes

Chefe da Assessoria Especial de
Controle Interno
Ana Vitoria Piaggio

Chefe da Divisão de Integridade
Isabella dos Anjos Bezerra Batista

Boletim Diversidade em Cena, edição
nº 9, novembro de 2024

Concepção e Curadoria: **Assessoria
Especial de Controle Interno (Aeci)**

Colaboração: **Coordenação-Geral de
Gestão de Pessoas**

Revisão: **Assessoria Especial de
Comunicação Social (Ascom/MinC)**

Diagramação: **Daniel Ribeiro**